

UNIVERSIDADE DE UBERABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

MEMORIAL FORMATIVO DE NAYHARA LOPES DE OLIVEIRA

extraído em agosto de 2024 do relatório de pesquisa intitulado O INGRESSO E A PERMANÊNCIA DE PROFESSORES SURDOS EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE MINAS GERAIS

AS JOGADAS DA VIDA, MEMÓRIAS EMOLDURADAS COM O DOM DE SER PROFESSORA

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *apreender*. Por isso, somos os únicos em quem *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Freire (2021, p. 68)

Entre jogos e brincadeiras - Uma infância feliz

Falar sobre si é difícil, é detalhar a vida, uma trajetória percorrida com tantas dificuldades e lutas que permanecem conosco e, de acordo com Larrosa (2002, p.21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, pensando assim, não devemos deixar de lembrar dos bons e velhos tempos, das brincadeiras de criança na rua, quando minha mãe saía para trabalhar e eu ficava aos cuidados de minha avó, pessoa essa que me educou, que me fez desde muito cedo entender um pouco da vida difícil que tínhamos.

A posição da mãe ou do pai é a de quem, sem nenhum prejuízo ou rebaixamento de sua autoridade, humildemente, aceita o papel de enorme importância de assessor ou assessora do filho ou da filha. Assessor que, embora batendo-se pelo acerto de sua visão das coisas, jamais tenta impor sua vontade ou se abespina porque seu ponto de vista não foi aceito. (Freire, 2021, p. 104).

Corroboro com a ideia de Paulo Freire e acrescento aqui que não somente os pais têm esse papel na vida de uma criança ou adolescente, mas todos os familiares próximos, os responsáveis, que são exemplos para o futuro da nossa nação.

Quando minha mãe se dirigia ao trabalho, eu saía correndo para brincar na rua e passava todo o dia entretida em atividades lúdicas, não sei como, mas eu sabia os horários certinhos de quando ela iria chegar e corria para casa. As brincadeiras eram maravilhosas, como exemplo, cito aqui as que eu mais gostava, que eram: roubar bandeirinha, queimada (que até os adultos que ali moravam participavam conosco), e como havia crianças, muitas mesmo, lembro-me que a rua ficava lotada e dividia-se em várias brincadeiras, por grupos, futebolzinho com gols de sandália, soltar pipa com folhas de cadernos e rabiola de sacolas rasgadas, bolinhas de gude e várias outras.

Minha mãe não gostava que eu ficasse na rua, mas naquele momento da minha vida, no auge da infância, creio eu, que já estava iniciando meu futuro acadêmico, pois as brincadeiras eu vivencio até hoje, acho engraçado quando alguns alunos falam que a tia Nayhara ainda é criança, amo e procuro participar sempre com eles das atividades propostas, englobando toda a história de minha trajetória como professora de Educação Física. Naquela época, brincar na porta de casa, na rua, ainda era seguro, a minha casa não tinha muros, era somente uma cerca de arame que eu mesma passava por ela várias vezes no dia, para brincar e para pegar manga na casa dos vizinhos (risos).

Frequentava desde muito pequena a igreja, sempre acompanhando minha vovó nas missas. Aproximadamente, nos meus 11 anos de idade, observava a intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) fazendo a ponte comunicativa entre o mundo ouvinte e o mundo surdo, vislumbrada.

É uma língua linda e muito gostosa de ver, fazer, vivenciar e aprender. Na adolescência, surgiu a oportunidade de fazer um curso de LIBRAS na APAE, que atualmente é referência na cidade e região com os atendimentos especializados às pessoas com deficiência da cidade de Arinos, localizada no Noroeste de Minas Gerais. Cidade pequena em que nasci e passei a minha infância, lá fiz amizades com a intérprete e alguns surdos, tive ótimas experiências e aprendizados.

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é estruturada da mesma forma que a nossa língua materna, com ela, o surdo consegue expressar seus pensamentos, demonstrar seus desejos, sentimentos, preocupações com naturalidade e rapidez, e foi reconhecida como língua e estruturas próprias, de acordo com a Lei 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Brasil, 2002, art. 1º),

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

A Língua Brasileira de Sinais não é somente comunicar-se com mímicas ou com as letras do alfabeto, as quais são denominadas de datilologia, realizadas por configurações de mãos - CM. São utilizados cinco parâmetros formativos da Libras, além da CM, o ponto de articulação, o movimento, a orientação ou direcionalidade do movimento e a expressão facial e/ou corporal. A Libras exige que sejam demonstrados os sentimentos no contexto dos diálogos.

O lançamento do dardo - Ensino Médio e as transformações que causam

Cursando o ensino médio, ingressei no time de vôlei da cidade de Arinos-MG, antes eu frequentava a quadra e assistia aos treinos, até que me chamaram para treinar também, foi uma felicidade que não cabia no peito.

Chegava da escola, descansava um pouco e partia para a quadra, imaginem uma quadra que não era coberta, às 15 horas, uma canícula e nós armando a rede para iniciarmos os treinos, várias vezes, minha mãe ou minha avó apareciam para me buscar, pois estava muito tarde e eu não tinha chegado em casa, isso às 22 horas, elas não se preocupavam muito porque sempre sabiam onde eu estaria. Com os treinamentos, minhas amigas e eu, compartilhávamos a mesma turma na escola e os mesmos anseios em quadra, começamos a participar de vários jogos escolares e intermunicipais.

Os estudos, sempre caminhando muito bem, pois era uma regra em casa, para participar dos treinamentos de vôlei as notas deveriam sempre ser as melhores, se a média caísse, os treinos também cairiam. Valorizo imensamente essa regra, pois se não fosse assim, logo teria deixado os estudos de lado.

Durante o ensino médio, meus pensamentos mudaram, com mais vaidade, buscava estar sempre arrumada, para isso, precisava trabalhar. Advinda de uma família humilde, além dos estudos e dos treinos de vôlei, trabalhei também como doméstica, não tenho boas lembranças deste emprego, mas como experiência me beneficiou, eu precisaria estudar e lutar muito para crescer na vida e, assim, buscar um emprego melhor. Não desmereço quem trabalha nesta ou em qualquer área, pelo contrário, cada trabalho é digno e essencial, mas almejava um crescimento profissional para ajudar minha família.

Correndo atrás da felicidade: crescendo e tecendo novos caminhos

Terminando o ensino médio, aquela dúvida, agora, o que fazer? Tento uma faculdade ou procuro um emprego? O que pulsou mais forte neste momento foi a busca pelo emprego, para tentar suprir as necessidades de casa. Consegui um emprego na Prefeitura Municipal de Arinos-MG, como auxiliar administrativa.

Considerando a minha atuação prévia na área administrativa, optei por cursar o técnico em Administração no Instituto Federal do Norte de Minas – *Campus Arinos* - IFNMG, com

duração de três anos, como forma de aprimorar minhas habilidades e conhecimentos. Terminando este, fiz o curso de Libras pelo programa bolsa formação/PRONATEC também no IFNMG, a Língua Brasileira de Sinais sempre teve um espaço na minha vida.

A Prefeitura realizou o concurso público para preencher diversos cargos, dentre os quais eu concorri, fui aprovada para o mesmo cargo em que atuava, e foi nesse momento que minha família – refiro-me à minha família ampliada, incluindo minhas primas e amigos mais próximos – começaram a intervir, uma vez que em minha casa, contando os meus onze tios e minha mãe não há nenhum membro com formação superior. A maioria dos membros de minha família concluiu apenas o ensino fundamental e poucos o ensino médio. Percebi, a necessidade de ingressar em uma faculdade.

Trabalhava comigo na Prefeitura uma pessoa surda, que eu já conhecia desde pequena quando fiz o curso de Libras pela APAE, nesta ocasião, ele já estava casado e com uma pessoa surda, que logo nos tornamos amigas também.

Na minha cidade não tinha faculdade, cursos de nível superior. Para estudar, deveríamos viajar para a cidade mais próxima que se localizava aproximadamente a 150 km, no caso, sair do emprego às 16 horas, viajar até a faculdade que se localizava na cidade de Unaí-MG e retornaria chegando em casa, às 02 horas da manhã. Estudar e trabalhar nessas circunstâncias era fatigante, além de ter um alto custo, eu não consegui terminar, deveria procurar outra forma para continuar os estudos.

Estava com muitas dúvidas ainda, sobre qual curso eu faria, Administração por trabalhar na área ou Educação Física porque amava, amo esportes. Houve então a intervenção da minha avó novamente, me disse que se eu fizesse Educação Física eu não iria trabalhar, eu iria viver de forma tranquila, pois faria o que gosto. E de acordo com Paulo Freire (2021, p. 104),

[...] faz parte do aprendizado da decisão a assunção das conseqüências do ato de decidir. Não há decisão a que não se sigam efeitos esperados, pouco esperados ou inesperados. Por isso é que a decisão é um processo responsável. Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomada de decisão deles não é uma intromissão mas um dever, até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles. A participação dos pais se deve dar sobretudo na análise, com os filhos, das conseqüências possíveis da decisão a ser tomada.

Foi esse o papel da minha família, minha avó estudou somente até a 3º série dos anos iniciais, mas tinha conselhos e experiências de vida, uma sabedoria empírica, e na sua simplicidade sempre nos ensinava muito, conselhos que até hoje, quando vamos desenvolver alguns projetos, pensamos no que ela diria ou faria, foi assim, que decidi pela Licenciatura em Educação Física.

Surgiu a oportunidade de estudar na Faculdade Cidade de João Pinheiro, na época, estudávamos com um calendário especial, no período de janeiro e julho, das 6 horas da manhã até as 22 horas, nos demais dias eram realizados trabalhos, que eram enviados aos professores para as devidas correções, em um modelo semipresencial.

Na Faculdade de Educação Física licenciatura, cursei uma disciplina de LIBRAS, foi tudo muito rápido e os colegas que tinham dificuldade em aprender não tiveram a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos na Língua de Sinais, aprendendo a fazer somente o nome com o alfabeto da língua, utilizando a datilologia, que era um dos requisitos para passar na disciplina.

A meu ver, a Língua Brasileira de Sinais é muito mais que isso, difícil na verdade é sim, tanto para os ouvintes quanto para os surdos, mais se faz necessária, é inclusiva e oferece a oportunidade de conhecer uma nova cultura, um novo mundo.

Continuei trabalhando na área administrativa até prestar o concurso para Secretaria de Estado da Educação, para professora da Educação Básica, na disciplina de Educação Física, após ser nomeada no concurso de 2011, entrei em exercício e comecei a trabalhar na área da Educação Física, em 2017. Neste mesmo ano, prestei novamente o concurso e exerço a função em dois cargos efetivos no Estado de Minas Gerais, atualmente na cidade de Uberaba- Minas Gerais.

Corrida com barreiras – a busca por novos conhecimentos com a Pós-Graduação

Inicialmente, trabalhando como professora, cursei a pós-graduação em Educação Física Escolar aprimorando os conhecimentos para com os alunos dos anos iniciais, fundamental e médio, com o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC “Atletismo escolar e suas contribuições para pessoas surdas”. Logo, cursei a pós-graduação em nível de especialização em Educação inclusiva, com Ênfase em Deficiência Auditiva pela Universidade Católica Dom Bosco, com o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC “O esporte como transformação social para surdos”. Busquei sempre novos caminhos, novas metodologias de ensino e aprendizagem.

Ao tomar posse no Estado em 2017, em exercício na Escola Estadual Vigário Torres, fui morar na cidade de Unaí-MG, no 6º ano regular, lecionava para uma aluna surda, porém ela não tinha muito conhecimento sobre a Libras, como sua primeira língua, estava começando a aprender e o processo para o aprendizado na escola regular carece muito dessa ponte de

comunicação, que é a base para a continuidade no processo de ensino-aprendizagem da pessoa surda.

O Decreto Federal 7.611 dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado (Brasil, 2011, art. 27 e 28) tem como objetivo a inclusão, a permanência dos alunos com deficiência na escola, a formação profissional e continuada dos professores para atendimento a estes com a diminuição das barreiras e inclusive com o desenvolvimento da educação bilíngue para estudantes surdos. Acrescento, ainda, que esta seja para todos e todas os/as discentes, nesse sentido, faz-se necessário o letramento em Libras das crianças surdas como sua primeira língua e o português como segunda língua, ainda de acordo com a Lei 13.005, que aprova o Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014, meta 4.7), facilitando a comunicação e inclusão do aluno surdo na comunidade escolar, ofertando igualdade de oportunidades no ensino.

Retornando para minha cidade de origem, Arinos-MG, surgiu a oportunidade de trabalhar na área de Intérprete de LIBRAS, em que dois dos meus amigos surdos estavam cursando o magistério na Escola Estadual Major Saint'Clair Fernandes Valadares e precisavam de uma pessoa para contribuir com a acessibilidade linguística. Me convidaram para participar do processo de designação e fui contemplada. Foram momentos difíceis no início, porque eu havia ficado muito tempo sem um contato aprofundado com a LIBRAS e, quando isso acontece, nos esquecemos de muitos detalhes, mas aos poucos tudo foi se encaixando.

Outra experiência foi a de trabalhar como tutora na Universidade Norte do Paraná-UNOPAR, polo Arinos-MG, no curso de Licenciatura em Educação Física. Lecionava aulas práticas presenciais, tínhamos uma aluna surda que vivenciava a LIBRAS, sabia se comunicar bem e era muito atenta a tudo. Durante as aulas práticas, notava que os alunos se aproximavam cada vez mais da cultura surda, observavam atentamente a língua de sinais, pois ao mesmo tempo que efetuava a interpretação eu falava e demonstrava. Os alunos buscavam aprender as palavras mais utilizadas do nosso cotidiano, por exemplo, ir ao banheiro e demais sinais, para que pudessem conversar e se comunicar com a aluna surda. Forma de comunicação que transpunha barreiras e vai além, com a cultura corporal de movimentos proposta pela Educação Física.

Com essas experiências, eu tenho como sentimento que há uma necessidade muito grande de buscarmos um olhar mais profundo para essa área, fazendo com que o professor de Educação Física seja um colaborador para transpor as barreiras comunicacionais existentes, tanto para o aluno surdo quanto para uma profissional que está ingressando no mercado de trabalho.

Minha proposta de pesquisa está diretamente ligada à minha história de vida, eu consegui chegar até aqui com muita luta, nas minhas experiências profissionais ainda não trabalhei com professores surdos ou com deficiência, gostaria que meus amigos, que são pessoas que fazem parte desta comunidade, tenham oportunidades de alcançar os seus objetivos, ir além da educação básica até a faculdade e ingressar no emprego público.

Sabemos que o professor de Educação Física tem uma proximidade maior com os alunos e alunas, por experiências próprias, talvez pelo espaço em que trabalhamos, ou pelas metodologias que são utilizadas, mas precisamos entender, como processa-se a inclusão ou admissão do licenciado surdo para trabalhar com discentes ouvintes?

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. (Freire, 2021, p.83).

À vista disso, iniciamos o processo de pesquisa no Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente para a Educação Básica, pela Universidade de Uberaba- Uniube - *Campus* Uberlândia, sob orientação do professor Doutor Tiago Zanquêta de Souza, apoiado financeiramente pelo programa Trilhas do Futuro para Educadores. Sempre tive o sonho de fazer uma pós-graduação *stricto sensu*, mas por tantas exigências, eu considerava impossível, com o Trilhas, senti que as portas da vida acadêmica estariam se abrindo e que era minha a oportunidade. O Trilhas do Futuro é um programa do Governo do Estado de Minas Gerais para profissionais com cargos efetivos estáveis da Educação Básica com parceria com as Universidades. Tem por objetivos conceder cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu* para nós, servidores, e está se transformando em um dos maiores programas de formação, capacitação e desenvolvimento profissional, uma oportunidade única para que coloquemos nossos anseios em prática, na luta por uma educação justa e inclusiva para todos e todas. Pensar nos professores/as, em suas necessidades e no ambiente institucional para que este seja acolhedor e lutar para que a inclusão seja concretizada, quebrando barreiras que ainda perduram, são questões que fazem parte de nossos anseios.